

Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 19, julho a dezembro de 2007

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE HABITAÇÃO A PARTIR DA NOÇÃO DA COMPLEXIDADE: UMA CONTRIBUIÇÃO À EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SUSTENTABILIDADE SÓCIO-AMBIENTAL

Luciana Roso de Arrial¹

Humberto Calloni²

RESUMO

Este artigo pontua uma reflexão sobre a necessidade de uma reeducação ambiental através do reencantamento do homem com seu habitat de onde, por vezes esquece, tira a sua sobrevivência humana, priorizando atender as suas necessidades e demandas, seu conforto e proteção; a sua segurança, comunicação e informação, contando com um desenvolvimento tecnológico que se contradiz ao desenvolvimento interno da sua humanidade, em detrimento do meio ambiente. Notadamente, esquece que, para habitar, o homem necessita de um habitat saudável e que, para tanto, é necessário agir com consciência ecológica, com respeito e conhecimento, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade sustentável, partindo da análise da realidade e da percepção de outras alternativas, envolvendo o homem em comunhão com a natureza.

Palavras-chave: educação ambiental, cultura, complexidade, habitat.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the need of an environmental education through humans' re-enchanting with their habitat; even though it is sometimes forgotten, this habitat provides conditions for their lives, meets their needs and demands, cares for their comfort, protection, safety, communication, and information. The technological development opposes to the inner development of their humanity, and affects the environment. Humans have clearly forgotten that they need a healthy habitat to live in; in order to achieve it, it is necessary to act with

¹Mestranda em Educação Ambiental – Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – CEP 96201-900 – Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil – luarrial@ig.com.br

²Doutor em Educação - Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – CEP 96201-900 – Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil – hcalloni@mikrus.com.br

ecological awareness, respect, and knowledge, thus, contributing to the construction of a sustainable society. It starts out as the analysis of reality and the perception of other alternatives, aiming at humans living in communion with nature.

Keywords: Environmental Education; Culture; Complexity; Habitat.

INTRODUÇÃO

O texto tem como fundamento a trindade que constitui o humano em sua tríplice característica: individual, social e natural (espécie), abordada por Edgar Morin - sociólogo e filósofo francês – para quem o indivíduo/sujeito-cultura/sociedade-espécie/natureza, (interações indissociáveis, envolvidas no conjunto de saberes que geram culturas através das experiências individuais e coletivas dos sujeitos na sociedade), se estabelecem como elementos inerentes à vida e à condição humana.

Tem-se por objetivo, inicialmente, expressar algumas idéias sobre o habitat como elemento norteador da vida dos seres humanos, evidenciando o bem-estar e a qualidade no ato de habitar. Posteriormente, perceber a realidade do contexto urbano, visto que cerca de 82% da população vive em cidades, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE realizado em 2000, evidenciando as relações de integração, contextualização e sentido, na multiplicidade de conceitos, valores, culturas, saberes e sentimentos, implícitos no efêmero jogo da vida em comunidade.

Por outro lado, importa perceber também a tendência pela busca de novas soluções arquitetônicas em projetos de moradias sustentáveis que priorizem a conservação dos recursos naturais, os quais conciliam técnicas de construção tradicionais com modernas, preservando o meio ambiente apoiado no desenvolvimento humano sustentável.

HABITAR O HABITAT

O habitat é a produção de um espaço vivido, dotado de um sentido de que somos capazes de desenvolver nossas potencialidades, de estar bem conosco e com o mundo que nos cerca. Numa concepção mais ampla, denominamos de lar, onde abrigamos nossos costumes, desejos e ideais, como a nossa casa, o nosso bairro ou mesmo a cidade em que vivemos, enfim, a apropriação de um lugar determinado por nós.

Habitamos um espaço de diversas formas, conforme a situação e a disposição em que nos confrontamos, de acordo com o nosso modo de ser, de ver ou mesmo de estar. Por

exemplo, em uma simples caminhada, onde o indivíduo repensa o seu mundo, vive o seu presente, lembra-se do seu passado e projeta-se no futuro, aí também nasce o espaço vivido, do habitat. Encontra o sonho, a desilusão, a linguagem, o toque, o cheiro, onde se produz cultura e acontece a vida. Ele tem na vida cotidiana, no trabalho, no lazer, na moradia, a definição de uma configuração dos espaços, mesclados entre si, mas não necessariamente formalizados.

Por isso, a habitação, que não se resume apenas à moradia, constitui-se no lugar de nossas certezas, através dos usos, estímulos, espaços e objetos que escolhemos, ou não, ter ao nosso redor.

Não habitamos todos os lugares, mas somente àqueles aos quais nos entregamos e nos sentimos completos; que reúnem a complexidade *sapiens-demens*³. O habitar não decorre simplesmente do conforto funcional dado pela habitação em si, mas também por acolher as dimensões do simbólico, traduzindo as dimensões do lar como instrumento e reflexo do próprio conhecimento, formalizado através da capacidade de contextualizar, englobar e apropriar-se.

Construir um mundo habitável e habitá-lo com consciência e conhecimento é o sentido de toda a atividade do ser humano, de modo a compensar a condição precária e frágil da existência e a fugacidade da vida.

PERCEPÇÃO DA REALIDADE URBANA

A espécie humana constrói abrigos individuais ou coletivos, reúne-se constituindo verdadeiros sistemas integrados que se diferem internamente em função de fatores econômicos, sociais, culturais, políticos e mesmo naturais.

Nos centros urbanos, com seus emaranhados prédios, sistemas viários, praças e as mais diversas relações entre os sujeitos, coexistem com relativa facilidade com outras formas de ocupações e atividades.

O ser humano entendido como triunidade indivíduo/sujeito-cultura/sociedade-espécie/natureza⁴, compõe a base da complexidade humana, constituindo necessariamente

³ Edgar Morin compreende o ser humano constituído pela razão – *Homo sapiens* e indissolúvelmente emoção/loucura - *Homo demens*, quanto *Homo faber*, ao mesmo tempo *Homo ludens*, que *Homo economicus* é, ao mesmo tempo *Homo mytologicus*, que *Homo prosaicus* é, ao mesmo tempo, *Homo poeticus*. (MORIN, 2005 a: 42)

⁴ Para MORIN, a triunidade é um conjunto contendo três olhares, abordando as realidades do indivíduo, da sociedade e da espécie biológica sem que nenhuma seja relegada a segundo plano. Cada um dos termos contém os outros. “As interações entre indivíduos produzem a sociedade e esta, retroagindo sobre a cultura e sobre os indivíduos, torna-os propriamente humanos. Assim, a espécie produz os indivíduos produtores da espécie, os indivíduos produzem a sociedade produtora dos indivíduos; espécie, sociedade, indivíduo produzem-se; cada termo gera e regenera o outro.” (MORIN, 2005^a: 51-55)

uma relação dialógica⁵ entre as três unidades, de impossível dissociação. Nesta ótica, existem, portanto, atos a serem (re) conhecidos e (re) valorizados para a formulação de um futuro possível, no planejamento ou análise do contexto urbano, apoiado efetivamente na idéia da união dos saberes de uma cultura humanística e de uma cultura científica.

As cidades são sistemas constituídos de partes interdependentes entre si, que interagem e transformam-se mutuamente. Desse modo, o sistema urbano não é definível pela soma de suas partes, mas por propriedades inerentes as suas partes que favorecem a emergência, no conjunto, de qualidades antes desconhecidas.

Em outras palavras, observamos que o estudo em separado de cada parte da cidade não nos levará ao entendimento do todo. Nesta perspectiva, o todo é mais do que a soma das partes. Por outro lado, o todo é também menos que a soma das partes, uma vez que tais propriedades emergentes podem também inibir determinadas qualidades das partes.

Conforme Morin (2005 b: 145)

É certamente a sociedade que constitui um todo solidário protegendo os indivíduos que respeitam suas regras. Mas é também a sociedade que impõe suas coerções e repressões sobre todas as atividades, desde as sexuais até as intelectuais. Enfim e sobretudo todas nas sociedades históricas, a dominação hierárquica e a especialização do trabalho, as opressões e escravidões inibem e proíbem as potencialidades criadoras dos que as suportam.

Exemplifica-se a relação entre partes e todo, identificando o perímetro central de uma cidade, independentemente de seu porte, contornado por seus bairros, zonas e periferias, no qual possuem setores distintos em suas ocupações e usos, dentro do planejamento urbano, apresentando certa autonomia, e ao mesmo tempo, dependência de outras regiões da cidade e/ou até mesmo do contexto todo e submetidos às diretrizes vigentes da cidade. Portanto, o contexto urbano, independente do porte da cidade, apresenta condições antagônicas e complementares ao mesmo tempo.

Neste aspecto, as perspectivas das experiências dos distintos sujeitos podem cooperar com projetos urbanísticos inovadores, inserindo elementos coadjuvantes da cultura e experiência social do urbano, contribuindo no planejamento, formação e desenvolvimento das cidades.

Para satisfazer as necessidades e demandas o homem, como sujeito atuante, transforma a natureza, desequilibra ecossistemas, modifica o uso e a ocupação do solo, deixando marcas no habitat por extrair da natureza materiais, alimentos, água, ar, energia e outros bens e serviços para seu uso e consumo, provocando impactos ambientais, em vista do seu bem-estar

⁵ “A dialógica permite assumir racionalmente a inseparabilidade de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo”. (MORIN, 2005 a: 96)

que está, essencialmente, relacionado a padrões que dependem de produtos industrializados, significando a extração de recursos naturais renováveis e não-renováveis, envolvendo perdas e gerando as diferentes formas de poluição.

Neste aspecto, é imprescindível garantir a sustentabilidade e qualidade de vida do ser humano, adotando métodos eficientes e eficazes de produção e controle de energia, uso da água e do solo; que gerem menor impacto à qualidade ambiental. Com isso, a ação humana responsável e prudente (ética), baseada em conhecimento e sabedoria, pode reduzir os riscos que prejudiquem o ser humano e o meio ambiente natural.

Historicamente, a configuração do ambiente urbano cultural por especialistas, instituiu-se, ao longo do século XIX, abonando, teoricamente, padrões de eficiência e salubridade física e moral. Entretanto, hoje, a realidade urbana apresenta-se alterada, no que tange à qualidade de vida dos seres humanos e no que diz respeito à apropriação e ao uso dos espaços urbanos formalizados.

Nas palavras de Calloni (2006: p.49), temos que:

O entendimento de que vivemos, em nível planetário, num momento decisivo para a preservação da vida em todas as suas expressões: da inadiável necessidade de compreendermos as profundas imbricações entre cultura e natureza; da urgente reorganização das sociedades, seus modelos de produção e distribuição de riquezas, tendo por princípios a inclusão de indivíduos e a valorização incondicional à vida, à liberdade e ao direito de ser e de viver digna e democraticamente; da consciência das relações entre o todo e as partes e as partes nas infinitas organizações ecossistêmicas, etc., permite-nos conferir à interdisciplinaridade um sentido de valor fundamental para uma nova **percepção da realidade**⁶.

Por outro lado, importa perceber que, nas cidades, a crise habitacional torna-se evidente pela falta ou “precariedade” de moradias, resultado de políticas governamentais incapazes de atender às demandas pela qualidade de vida.

Nota-se que apesar do avanço tecnológico e da rapidez de informações não há correspondência com as melhorias de políticas sociais efetivas. Constata-se isto percebendo o aglomerado de pessoas morando em favelas, sem condições dignas de habitabilidade, como conseqüência do aumento da pobreza podendo favorecer os elevados índices de violência nessas populações.

O cenário urbano atual das principais cidades mostra o desequilíbrio provocado pelas áreas edificadas sobre o meio ambiente e sobre o comportamento humano, visto que os ambientes construídos nas cidades constituem o habitat de parcela crescente da humanidade, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, onde o mundo experimenta um processo de intensa urbanização.

⁶ Grifos da autora

A atual situação mundial apresenta cenários críticos de concentração urbana e condições de vida extremamente precárias, predatórias e até mesmo subumanas. Em virtude dessa realidade, prima-se pelo desenvolvimento sustentável, que pressupõe práticas de crescimento que atendam às necessidades presentes sem comprometer as condições de sustentabilidade das gerações futuras.

A compreensão do urbano não se dá apenas pela descrição de seus problemas, mas, sobretudo, pelo conhecimento e vínculos entre vida urbana e a formação social, o espaço e o ambiente, os signos e seus significados, as idéias e as linguagens, o real e o abstrato, onde a cultura permite a reflexão para uma sociedade mais justa, integradora, solidária e igualitária.

A vida na Terra depende de uma mudança de paradigmas, dos valores éticos e estéticos; da condição da existência humana em todas as sociedades existentes.

Tendo como base as palavras de Morin (2005a: 63):

Cada um deve estar plenamente consciente de que sua própria vida é uma aventura, mesmo quando se imagina encerrada em uma segurança burocrática; todo destino humano implica em uma incerteza irredutível, até na absoluta certeza, que é a da morte, pois ignoramos a aventura da humanidade, que se lançou no desconhecido em velocidade, de agora em diante, acelerada.

Grande parte dos ambientes urbanos construídos pelo homem parece negar toda relação com a natureza, ao mesmo tempo em que ignora a realidade contemporânea dos recursos limitados. O processo de transformação do habitat, produzindo uma urbanização desigual, fica evidente no Brasil, onde em 50 anos transformamos um país rural em um país eminentemente urbano, onde 82% da população moram em cidades⁷.

Em resposta aos sérios problemas urbanos, surgem variadas concepções para construir e habitar, baseadas em princípios que tendem a minimizar a degradação ambiental a partir de um desenvolvimento tecnológico controlado, almejando a sustentabilidade da vida, conciliando o homem ao meio ambiente.

O princípio do movimento por moradias sustentáveis prioriza a conservação dos recursos naturais e a reconexão entre as pessoas e a natureza acima do isolamento privilegiado e do lucro privado da propriedade capitalista.

Percebe-se na arquitetura a adoção de novas maneiras na elaboração dos projetos e execução das edificações, em propostas arquitetônicas que despertam uma consciência eco-social valorizando as questões ambientais, como no caso dos “edifícios verdes” ou “edifícios sustentáveis”.

⁷ IBGE – Censo Demográfico, 2000.

Nos edifícios sustentáveis, a consciência eco-social é obtida através da combinação do engenho e da eficiência do projeto de alta tecnologia com materiais de construção naturais como: palha, pedra e barro ou argila, utilizando também, energia solar e eólica. Nesse movimento, tratam-se os projetos urbanísticos com áreas livres de automóveis, ruas de trânsito lento e praças espaçosas que envolvem as pessoas numa revitalizada vida social comum. Incorporam a necessidade de integração do projeto arquitetônico com o seu entorno, minimizando o impacto da construção no meio ambiente. Esses conceitos podem ser aplicados a qualquer tipo de edificação, seja residencial, comercial, industrial ou institucional.

ECOVILAS E VALORIZAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Outra proposta que une o social e o ecológico, são as ecovilas, que combinam técnicas construtivas tradicionais com tecnologia moderna, apoiando um desenvolvimento humano saudável, visando, essencialmente, à economia e/ou o reaproveitamento de recursos.

Nas ecovilas como um todo, ou casa por casa, existe a preocupação constante com a valorização de tudo o que se associe ao meio ambiente e sua conservação, proporcionando aos moradores das ecovilas mais saúde e bem-estar.

As casas das ecovilas são inteiramente projetadas para que o desperdício seja mínimo, como os sistemas de reaproveitamento de água e do lixo, o que representa um trabalho de conservação dos recursos naturais.

Os materiais empregados na construção das casas de ecovilas costumam ser pouco agressivos ao ambiente (muitas vezes são até renováveis), além de serem acessíveis financeiramente e garantirem condições de vida e conforto similares aos de uma casa tradicional. Materiais como o bambu, por exemplo, são baratos e de fácil aquisição, possibilitando estruturas bem interessantes, estimulando a criatividade dos profissionais das áreas tecnológicas.

Analisando as ecovilas como um todo, percebe-se que estas ainda não são de grande aplicabilidade em larga escala, pois as comunidades ideais são as que contêm no máximo mil pessoas para garantir o relacionamento pessoal e a representatividade de todos. Ecovilas com até cinco mil pessoas geram uma federação, tendo com limite cinquenta mil pessoas para uma cidade bem organizada e devidamente estruturada em seu funcionamento.

As ecovilas são sistemas que envolvem bem mais do que alternativas construtivas viáveis, surgindo como respostas à quebra dos paradigmas habitacionais atuais, traduzindo uma nova idéia sobre o conceito de morar.

As ecovilas reproduzem conceitos que reúnem uma prática constante de mudanças de hábitos e comportamentos individuais e coletivos, tornando ser uma alternativa para harmonizar o planeta, aliados aos estilos de vida mais saudáveis, tendo como decorrência a proteção do meio ambiente e a utilização racional dos recursos naturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bem-estar humano depende essencialmente da interação com o habitat, percebendo, reconhecendo e valorizando a essência do ato de habitar, adquirindo uma consciência eco-social individual e coletiva que articule o homem e o meio ambiente natural.

Há a necessidade de uma reeducação ambiental, a fim de revigorar o reencantamento humano com o seu meio ambiente; do nosso habitat, acompanhado da revisão de valores, em todos os níveis da sociedade, constituindo um verdadeiro mundo ético e estético, guiados por princípios ecológicos, almejando a sustentabilidade do planeta e, conseqüentemente, da vida do próprio homem na Terra.

Precisamos de uma reeducação ambiental através de uma nova postura solidária acompanhada de uma inversão de valores, constituindo um mundo no qual se reconheça a dimensão da existência do nosso habitat principal, ou seja, o nosso planeta, pois somos também natureza e habitamos a Terra como indivíduos integrantes de um *ethos* comum.

Somos resultantes de uma complexidade de conexões de sistemas interativos; somos, ao mesmo tempo entes biológicos, físicos, químicos, culturais, ecológicos, sociais, naturais, que abonam a relação do indivíduo com a sociedade e a natureza, mas que, a cada dia, nos distanciamos mais da nossa essência, envolvidos por padrões de repetição impostos como únicos e verdadeiros.

Há necessidade de compreendermos essa crise de percepção da realidade e articular o conhecimento de quem fomos, quem somos e o que queremos ser, orientados pelo respeito às diversas culturas, à cidadania, à democracia, à igualdade, à memória e à história. É preciso um reencantamento pelo *ethos*, garantindo, assim, a qualidade de vida e sobrevivência de todos os seres vivos e do próprio planeta Terra.

Finalmente, precisamos sair de arquétipos, reencontrando o encantamento do próprio homem com o meio ambiente, renovando valores e sentidos, entrelaçando culturas, na aspiração incansável pela qualidade de vida sem prejuízo ao ecossistema, acreditando na magnitude dos atos dos sujeitos desse nosso habitat, afirmando nossa responsabilidade

universal uns para com os outros e com a *ethos* comum da vida em todas as suas manifestações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLONI, Humberto. **Os sentidos da interdisciplinaridade**. Pelotas: Seiva, 2006. 78 p.

IBGE – www.sidra.ibge.gov.br. Acesso em 24/05/2007.

Morin, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 a. 128 p.

_____. **O Método 1: a natureza da natureza**. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2005 b. 480 p.

_____. **O Método 5: a humanidade da humanidade**. 3ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2005 c. 312 p.